

O logos do Manifesto revela o ethos do criminoso: vícios e virtudes no caso *Unabomber*

Acir de Matos Gomes

Márcia Pituba

*Melhor é aquele que tudo sabe por si;
Bom aquele que ouve o discurso dos sábios;
Mas aquele que, sem saber ele próprio, não aprende
A sabedoria de outrem, é, de fato, um homem inútil.
Hesíodo (O Trabalho e os Dias)*

Considerações iniciais

Alguns crimes geram repercussão e despertam interesse social. As buscas pela identificação do criminoso e suas motivações são pontos que aguçam a inteligência da polícia e desencadeiam, na sociedade, a indignação, a raiva, a cólera pelo criminoso e a compaixão pela família das vítimas. O Estado, por meio de investigações, trabalha para desvendar e elucidar tanto o crime quanto o seu autor, de forma que este suporte o ônus do Direito e da Justiça e é preciso também prestar conta à sociedade.

Um dos casos dessa magnitude é atribuído a Theodore John Kaczynski, autor de ações bárbaras tipificadas como terrorismo doméstico, que causa grande repercussão tanto nos Estados Unidos quanto em países europeus e latino-americanos. Em face da perversidade de seus atos, tem seus crimes e motivações narrados em séries e documentários.

O período dos ataques ocorre entre os anos de 1978 e 1995, quando o mundo experimenta muitas transformações, como a virada tecnológica, absorvida, principalmente, pelas indústrias. O terrorista, contudo, antes de ser descoberto, tem a intenção de promover

uma revolução antitecnológica¹ e, nesse contexto, elabora um Manifesto² denominado: “A sociedade industrial e seu futuro”.

O propósito deste capítulo é desenvolver uma análise de algumas partes desse Manifesto, mais conhecido como o Manifesto de *Unabomber*³, e demonstrar como a estratégia argumentativa (*logos*) desenvolvida ao longo do texto permite que se chegue ao autor (*ethos*) dos crimes.

A pergunta que norteia a pesquisa é: Como a argumentação desenvolvida no Manifesto (*logos*), por meio de vícios e virtudes, orienta a descoberta do autor (*ethos*) dos crimes? Para responder a essa pergunta, invocamos os princípios teóricos da Retórica (Ferreira, 2010 e Tringali, 2014), bem como os conceitos de vícios e virtudes em Aristóteles (2014).

Além das considerações iniciais e finais, esse capítulo desenvolve-se em três seções. Na primeira, trazemos algumas informações sobre o caso *Unabomber*, com o objetivo de contextualizar o leitor acerca da notoriedade do caso. Na segunda, entramos com os conceitos de vícios e virtude de Aristóteles (2014), que fornecem elementos teóricos para caracterizar o criminoso. Por fim, na terceira, invocamos alguns pressupostos retóricos que nos permite demonstrar a lógica do criminoso.

O caso *Unabomber*

Tanto em séries quanto em documentários apresentados por provedores de alcance internacional, como a NETFLIX, constatamos que esse caso ganha tanta notoriedade, que inclusive consta na página oficial do FBI⁴, departamento de inteligência da polícia federal norte-americana. Essa é considerada a operação mais cara e longa da história do departamento.

Quando o caso começa a ter repercussão, o FBI⁵ assume as investigações, não se tem um rosto, apenas uma designação para o criminoso que fabrica bombas caseiras, *Unabomber*, sigla criada a partir dos alvos – UNiversity e Airline BOMBing – Universidades e Linhas Aéreas⁶. É montada uma imensa estrutura com aparatos tecnológicos e profissionais de várias especialidades para analisar as provas existentes até então. As

1 VICHI, 2021.

2 Disponível em: <<https://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/10/A-Sociedade-Industrial-e-seu-futuro-Manifesto-de-Unabomber.pdf>> Acesso em maio 2021.

3 Sempre que nos referirmos, neste artigo, ao Manifesto do *Unabomber*, para destacar o texto ao qual nos referimos, escrevemos sempre com a inicial maiúscula.

4 Disponível em: <Unabomber — FBI> Acesso em 11 set 2021.

5 FBI, em português, Departamento de Investigações Federais, dos Estados Unidos.

6 VICHI, 2021.

primeiras tentativas, contudo, são malsucedidas e, em razão da pressão que a polícia sofre para solucionar o caso, há várias trocas de profissionais.

O caso começa a mudar de rumo quando entra na equipe James Fitzgerald, que além de perfilador⁷ é também linguista. Para além das provas existentes, inicia um novo itinerário investigativo e recai sobre as características linguísticas impressas no Manifesto. As estratégias argumentativas revelam evidências que conduzem ao perfilamento do *ethos* de um intelectual, que, ao final da investigação, vai ser sabido tratar-se de um doutor e prodígio da matemática⁸, Theodore Kaczynski.

O Manifesto se torna público quando o *Unabomber* exige, como forma de descontinuar o envio de bombas, que o texto seja publicado na íntegra em um dos dois grandes jornais de circulação à época, nos Estados Unidos, *The New York Times* ou *The Washington Post*. O Manifesto é publicado pelo *The Washington Post*. Ao circular, chama a atenção da cunhada de Theodore Kaczynski, casada com David Kaczynski. O irmão do *Unabomber* procura o FBI, fala da trajetória do seu irmão, que nasceu em Chicago, entrou precocemente na Universidade da Califórnia e, à época, à parte da sociedade, morava em uma cabana em Montana.

Com as referências do perfil (*ethos*) já traçado do *Unabomber*, Fitzgerald junta as informações trazidas por David Kaczynski, que fornece também documentos, como cartas e traz algumas falas e ideias (*logos*) repetidas reiteradas vezes por seu irmão, Theodore Kaczynski. O analista do FBI, após um estudo minudente, reconhece um padrão linguístico nos textos avaliados, ou seja, estabelece que há relações linguísticas irrefutáveis nas provas colacionadas aos autos do caso e posiciona-se com muita segurança ao afirmar que o Manifesto publicado no jornal é de mesma autoria da pessoa que escreveu as cartas⁹.

Contudo, não se admite em processos judiciais a condenação de qualquer suspeito apenas com suporte na análise de textos. Há necessidade de provas extra-técnicas como testemunhos, perícias, documentos, entre outras, para que injustiças não ocorram. O FBI monta, então, uma ação para obter essas provas complementares e para capturar o suspeito conhecido como *Unabomber*, agora com um rosto, o de Theodore Kaczynski.

O fim da investigação se dá com a prisão do suspeito em sua cabana, no meio da floresta, repleta de material explosivo – as provas extra-técnicas buscadas –, o que ratifica e justifica todo o trabalho da análise linguística do Manifesto e dos demais documentos.

7 Profissional responsável por traçar o perfil (*ethos*) de criminosos não identificados.

8 VICHI, 2021.

9 Ibid.

Vícios e virtudes do *ethos*

Iniciamos as discussões com base nos vícios e nas virtudes em Aristóteles (2014), como esteio para caracterizar o perfil do criminoso. O Manifesto está repleto de marcas linguísticas que denotam formas virtuosas e viciosas de dizer. Conforme Aristóteles¹⁰, “[...] somos louvados ou censurados por nossas virtudes e vícios”. Ao estarmos dispostos, inclinamo-nos para manifestarmos um estado de virtude ou de vício. Assim, pois, é pela ação que a virtude ou o vício se faz presente.

A virtude é considerada uma qualidade de excelência, sob o exercício das faculdades da alma, está de acordo com a razão e apresenta-se pelo que há de bom na vida, mas não se furta também do desejo, da educação, do hábito e da memória. A virtude manifesta-se por meio das nossas escolhas e capacita o ser humano a realizar ações nobres. Não se nasce virtuoso. A virtude humana deve ser cultivada para nos levar ao bem e à felicidade. Por isso, segundo Comte-Sponville¹¹:

Toda virtude é, pois, histórica, como toda humanidade, e ambas, no homem virtuoso, sempre coincidem: a virtude de um homem é o que o faz humano, ou antes, é o poder específico que tem o homem de afirmar sua excelência própria, isto é, sua humanidade (no sentido normativo da palavra).

As virtudes traçam um caminho cultural e histórico da humanidade. Assim, podem ser classificadas como morais ou éticas que são a generosidade e a moderação, e resultam do hábito. As virtudes intelectuais são a sabedoria, o entendimento e a prudência. Um ser humano sábio deve ser louvado, uma vez que por meio de entendimento e de prudência pratica as suas virtudes intelectuais para alcançar o bem e a felicidade. As nossas disposições são cíclicas pois são geradas a partir de atitudes semelhantes. Por isso, é preciso dar qualidade às disposições.

Os estados podem ter como âmago o prazer ou a dor. Aristóteles¹² afirma que: “com efeito, a virtude moral diz respeito a prazer e dores. De fato, é devido ao prazer que realizamos ações vis e devido à dor que deixamos de realizar ações nobres”. Assim, “a virtude é a qualidade segundo a qual agimos da melhor forma no tocante aos prazeres e às dores e que o vício é o oposto”¹³. Somos impelidos à escolha do nobre, do útil e do

10 ARISTÓTELES, 2014, p.90.

11 COMTE-SPONVILLE, 2018, p.8.

12 ARISTÓTELES, 2014, p.85.

13 Ibid., p.86.

prazeroso. Somos impelidos a evitar o vil, o nocivo e o doloroso. Prazer e dor são balizas para as nossas ações.

Quando se parte para o excesso ou para a falta, incorremos no desvio da mediania, uma forma de moderação. O excesso é o desregramento. A falta é a deficiência. O vício se dá por não se encontrar o caminho do meio, do equilíbrio ou da mediania, seja pela falta, seja pelo excesso. Ser virtuoso é uma maneira de ser, não é simples, requer esforço. É difícil encontrar o ponto mediano em diversas situações. O estado mediano é o que constitui o objeto de louvor porque conduz ao bem. O estado dos extremos é o vicioso, o que incentiva à censura. Vícios e virtudes são voluntários porque detêm espontaneidade em suas ações. Somos, dessa forma, responsáveis pelas ações que nos determinam virtuosos ou viciosos.

Ao trazermos Theodore Kaczynski, o autor do Manifesto, percebemos, como característica peculiar, um ser humano que, apesar de carregar consigo muito conhecimento, pois é dotado de uma inteligência privilegiada, uma vez que seu nível de intelectualidade é muito acima da média, apresenta falhas em moderação, generosidade e prudência em seus atos, “com efeito, o vício nos perverte e nos faz falsear acerca dos princípios da ação”¹⁴. O *Unabomber* coloca-se acima do nobre e do útil e age de forma nociva e vil. Conforme Aristóteles¹⁵,

a virtude é gerada a partir da realização regular de ações justas e moderadas. Assim, as ações são qualificadas de justas e moderadas quando consistem nos atos que homens justos e moderados realizariam. Assim o agente é justo e moderado não quando realizar meramente esses atos, mas quando os realizar tomando homens justos e moderados como seu modelo. É, portanto, correto dizer que alguém se torna justo realizando ações justas e moderado realizando ações moderadas; e ninguém poderá ter sequer uma mera perspectiva de se tornar bom sem realizá-las.

Os vícios do *Unabomber* são maiores que as suas virtudes, quando ele se apresenta como um sujeito não equitativo. Há exagero nas ações praticadas, em consequência, injustiças são cometidas. A violência empregada ao produzir bombas caseiras e criar

14 Ibid., p. 242.

15 Ibid., p. 89.

um terrorismo doméstico demonstra as suas escolhas. Pessoas são feridas e mortas pelos extremos de seu agir. Não se produz nem se preserva o bem e a felicidade para os integrantes de uma comunidade.

A inquietação do Unabomber é com “a sociedade industrial e seu futuro”, até aqui, uma ação virtuosa, há preocupação com o bem e a felicidade de toda uma nação, o que revela, até certo ponto, generosidade, sabedoria e entendimento. Em dois excertos do Manifesto¹⁶ são evidenciadas essas virtudes:

5. Neste artigo abordamos apenas alguns dos acontecimentos negativos que engordaram demasiado o sistema tecnológico-industrial. Além disso, aqui apenas mencionamos tais acontecimentos resumidamente ou os ignoramos em sua totalidade. Isto não quer dizer que consideramos os demais acontecimentos triviais. Por razões práticas, tivemos que limitar nossas discussões a áreas que não receberam suficiente atendimento do público ou nas quais temos algo novo que dizer. Por exemplo, na medida em que as tendências ambientais e a desertificação estão bem reveladas, escrevemos muito pouco sobre a degradação do meio ambiente ou a destruição da natureza selvagem, embora consideremos tais coisas de grande importância.

134. Por todas as razões anteriores, a tecnologia é uma força social mais poderosa do que a aspiração de liberdade, mas esta declaração requer uma importante qualificação. Parece que durante as próximas décadas o sistema tecnológico-industrial experimentará uma severa quota de tensão em problemas econômicos e ambientais e, especialmente, em problemas de comportamento humano (alienação, rebelião, hostilidade, uma variedade de dificuldades sociais e psicológicas). Esperamos que a tensão que o sistema provavelmente atravessará lhe cause um colapso, ou ao menos o debilite o suficiente para que ocorra uma revolução e que esta tenha sucesso. Então, nesse momento particular, a aspiração pela liberdade se revelará mais poderosa do que a tecnologia.

Podemos constatar, por meio dessas palavras, o cuidado de Theodore Kaczynski em relação ao futuro da sociedade, severamente afetado por ações decorrentes de práticas desmedidas do sistema tecnológico-industrial. Como exemplo, podemos citar as conse-

16 KACZYNSKI, 1995, p.3; p. 42.

quências das ações que recaem sobre o meio ambiente, degradado pelo desmatamento e pelas queimadas, e sobre o ser humano, apenado com problemas de saúde decorrentes da má qualidade do ar, por conta do excesso de gases liberados no ambiente pelas indústrias, que causam o efeito estufa, que também provocam o aumento da temperatura terrestre.

Em 12 de dezembro de 2015, durante a 21ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, 195 países assinam o *Acordo de Paris*, que entra em vigor a partir de 04 de novembro de 2016. A meta desse *Acordo* é combater a crise climática, com a redução da emissão de gases do efeito estufa, que provoca o aquecimento global. Para isso, um compromisso mundial é firmado, a fim de que o aumento da temperatura do planeta fique bem abaixo dos 2°C. Assim, é possível vislumbrar um futuro com menos emissão de carbono, e, em consequência, adaptável, próspero e justo para todos¹⁷.

Entretanto, é preciso que haja um ajustamento entre o antigo sistema tecnológico-industrial e o novo modelo sustentável, que traz formas inovadoras de operar, a fim de uma melhor adaptação, incorporação e prática da indústria e da agricultura. A sociedade precisa desejar e assumir um outro comportamento que seja compatível com as demandas sociais, ambientais e econômicas do século XXI, cujo padrão de desenvolvimento deve incluir o teor de baixo carbono. De outra forma, Theodore Kaczynski já fala e alerta sobre as questões ambientais quando divulga os seus escritos acadêmicos. Ao publicar um Manifesto, em 1995, alcança uma parte maior da população.

Ocorre que, a ansiedade do *Unabomber* em resolver os problemas existentes, por conta própria, potencializa a ação do emprego de violência gerada por falta de prudência e moderação, pois é uma ação voltada para uma falsa ideia de necessidade de combate. Atos de hostilidade materializam-se como pretexto para se chamar a atenção da sociedade, pois a “violência pode ser facilmente entendida como função, ou um fenômeno superficial de uma necessidade subjacente e dominante”¹⁸.

Conforme Zizek¹⁹, a violência antes de se materializar em ação, manifesta-se antes por meio da linguagem, sua simbolização, “[...] quando nos confrontamos com a cena de uma multidão furiosa que ataca e queima prédios e automóveis, que lincha pessoas etc., nunca deveríamos esquecer as palavras de ordem de seus cartazes nem as palavras que sustentam e justificam seus atos”. Assim, a linguagem moldada pelo pensamento e que se concretiza por meio das palavras, move-nos. Por isso, seguimos no intuito de

17 Disponível em: < <https://www.wwf.org.br/?77471/Acordo-de-Paris-completa-cinco-anos-com-licoes-aprendidas> > acesso em 30 set 2021.

18 ARENDT, 1988, p. 51.

19 ZIZEK, 2014, p. 61.

persuadir e de convencer pela linguagem. Kaczynski defende suas ideias de preservação e proteção ambiental desde jovem, quando ainda está na universidade.

Unabomber apresenta o Manifesto como um manual de instruções a ser seguido, de forma a solucionar as questões problemáticas da sociedade industrial. Faltam moderação e prudência em seu texto. Há uma clara conclamação à propositura de uma revolução contra o sistema, o que já remete a uma ideia contrária à pacificação. Theodore Kaczynski²⁰ afirma:

4. Por isso advogamos uma revolução contra o sistema industrial. Esta revolução pode ou não usar a violência: pode ser súbita ou pode ser um processo relativamente gradual abarcando poucas décadas. Não podemos prever nada disso. Tudo que podemos fazer é delinear de uma forma geral as medidas que aqueles que odeiam o sistema industrial deveriam tomar para preparar o caminho para uma revolução contra esta forma de sociedade. Não deve ser uma revolução POLÍTICA. Seu objeto não será derrubar governos, mas as bases econômicas e tecnológicas da sociedade atual.

A finalidade do Manifesto é mostrar os danos para a humanidade oriundos da evolução industrial e tecnológica, inclusive, com a condenação da ciência. No excerto 92, Theodore Kaczynski²¹ expõe que a ciência serve aos interesses de alguns nichos da sociedade:

92. Assim a ciência caminha na cegueira, sem discernir o que é realmente bom para a raça humana [...], obedecendo unicamente às necessidades psicológicas de cientistas, de servidores públicos do governo e de executivos de corporações que fornecem fundos para investigações.

Theodore Kaczynski, então, cria um contexto de guerra imaginário e dá passos para a promoção de uma revolução antitecnológica. Quando suas ações viciosas vêm à tona, ocorre então, um exagero, que foge da mediania, por exemplo, em relação à coragem, que é a temeridade, o lado oposto é a covardia. Conforme Comte-Sponville²², são dois excessos, a covardia e a temeridade, “o covarde é submisso demais ao seu medo, o temerário despreocupado demais com a sua vida ou com o perigo [...]”. A ousadia, ainda que

20 KACZYNSKI, 1995, p. 3.

21 Ibid., p. 27.

22 COMTE-SPONVILLE, 2018, p. 66.

extrema, só é assim virtuosa se temperada pela prudência”. Enviar bombas para causar danos às pessoas é um ato temerário, além de ser extremamente violento. Zizek²³ afirma:

Mas como podemos rejeitar por completo a violência se a luta e a agressão fazem parte da vida? A solução fácil é uma distinção terminológica entre a “agressão”, que corresponde efetivamente a uma “força de vida”, e a “violência”, que é uma “força de morte”: a “violência” aqui não é a agressão enquanto tal, mas o seu excesso que perturba o andamento normal das coisas devido a um desejo que quer sempre cada vez mais. A tarefa consiste em nos livrarmos desse excesso (aspas do autor).

Quando a violência impera, extingue-se a retórica e a virtude sucumbe. Nesse caso, nem ao menos podemos considerar que há uma retórica de guerra. Pois apesar de Theodore Kaczynski escrever o Manifesto (*logos*), um texto que representa os seus ideais e causa de luta da sua vida, o que representa virtude, com a instauração da violência, por meio da temeridade, evidência de vício, as palavras são emudecidas. O que se ouve são as explosões de bombas caseiras deixadas em locais de grande circulação de cidadãos, espaços onde não há uma guerra oficialmente declarada, ao contrário, nos lugares, alvos das bombas, as virtudes são exaltadas e os vícios minimizados, realidade deturpada e desdenhada pelo *Unabomber*.

O logos do Manifesto e a sofisticação da argumentação pelo silogismo

Uma vez construído o perfil psicológico do criminoso (*ethos*), com base em vícios e virtudes, apresentamos como a sua estratégia argumentativa (*logos*) pode demonstrar um continuum, uma marca de sua capacidade intelectual, essa é a pista, o seu idioleto²⁴, o rastro para que se chegue a Theodore Kaczynski.

Conforme Franchi²⁵, a comunicação se dá entre os seres humanos por múltiplos meios de interações que se vinculam em razão dos contextos estabelecidos por símbolos e representações. Os símbolos são uma forma de expressão, pois comunicam a um determinado grupo de pessoas. As circunstâncias em que ocorrem esses atos de comunicação

23 ZIZEK, 2014, p. 63.

24 Segundo Vichi (2021, p. 29), idioleto é a língua própria de um sujeito, que somente ele fala, “é a impressão digital linguística que todos nós, falantes, temos”.

25 FRANCHI, 2011.

devem ser levadas em conta também, pois todo falar está em associação com o resto do comportamento do orador.

É na concretização da interação do ato de comunicação que agimos para compreender o outro e fazermos-nos ser compreendidos pelo outro. Influenciamos ou persuadimos pelo modo individual e peculiar de enxergarmos e sentirmos o mundo e assim nos expressarmos. Somos influenciados e persuadidos pelo modo também peculiar que o outro enxerga e sente o mundo e assim se expressa. Ambos agimos também no mundo como resultado dessa interação.

Deslizamos entre o diálogo e o solilóquio, entre o interior e o exterior. A linguagem, antes de se materializar como mensagem, é construção de pensamento e reflexão. Nessa elaboração, caminham juntos: sentimentos, ideias, emoções, aspirações e experiências vividas que se organizam criadoramente em um processo. *Unabomber* faz esta jornada.

O Manifesto concretiza um ato de comunicação marcado distintamente por uma representação simbólica por meio da linguagem. É um instrumento de intervenção de Theodore Kaczynski na realidade em que vive, a materialização da significação que ele manifesta pelo seu modo de enxergar e sentir o mundo, para agir por meio de pensamentos, reflexões e experiências de vida traduzidos em palavras, capazes de despertar a dialética em seu auditório e desencadear diversas ações humanas que podem provocar novas reflexões, novos pensamentos e um novo agir no mundo. Esse movimento conduz a uma ressignificação da mensagem.

Trabalhamos criadoramente, por meio da ação verbal, para a construção de um produto linguístico que tem a marca de quem o produz. Essa marca se evidencia no uso de certas palavras e expressões que ficam cristalizadas no texto, é o traço revelador da identidade do orador (*ethos*). Quer mude, cresça, evolua, metamorfoseie-se, a escrita do orador é como uma impressão digital, à exemplo das papilas dérmicas, deixa uma marca única no dizer, que é indelével, representada pelo idioleto, uma forma linguística personalizada.

O Manifesto escrito por Theodore Kaczynski está disposto em 232 parágrafos numerados e 37 notas explicativas. É escrito de forma impessoal, tem introdução e divisão por capítulos. Por se tratar de um manifesto, não consta de referências. A escrita é clara, bem sequenciada, organizada de modo que um capítulo se liga ao outro, da mesma forma que os parágrafos estão interligados com coesão e coerência. Notamos, ainda, correção gramatical e adequação do estilo. A escrita possui a crítica reveladora de sua inteligência e está em consonância com o gênero textual proposto.

O Manifesto do *Unabomber* destaca, nas primeiras palavras, as desvantagens da Revolução Industrial, desastre para a raça humana que traz sofrimento psicológico e físico e dano ao mundo natural. Não está em questão, no artigo, a realidade histórica

dos acontecimentos. Como partimos para uma análise retórica, enfocamos o que é pertinente para demonstrar o *ethos* de Theodore Kaczynski e a verossimilhança da autoria do Manifesto (*logos*). O *ethos* é desvelado pelo *logos*. Na introdução do Manifesto²⁶ está disposto que:

A Revolução Industrial e suas consequências foram um desastre para a raça humana. Aumentou enormemente a expectativa de vida daqueles que vivem em países «avançados», mas desestabilizou a sociedade, tornou a vida um inferno, submeteu seres humanos a indignidades, provocou sofrimento psicológico (no terceiro mundo sofrimento físico) e infligiu um dano severo ao mundo natural. O contínuo desenvolvimento da tecnologia piorará a situação. Certamente submeterá os seres humanos a grandes indignidades e infligirá maior dano ao mundo natural, provavelmente conduzirá a um grande colapso social e sofrimento psicológico, e pode incrementar o sofrimento físico inclusive em países «avançados».

Para Fitzgerald, o perfilador do *Unabomber*, o *ethos* de Theodore Kaczynski é de um gênio. Logo na abertura do texto, na introdução, constatamos que ele se utiliza de argumentos elaborados por premissas, que são as razões, e conclusões de verdades construídas por períodos claros e coerentes, com uma argumentação bem estruturada no conhecimento da língua materna cuja organização textual revela um pensamento fluido, que pode conduzir tanto à persuasão quanto ao convencimento.

Ao escrever seu Manifesto, *Unabomber* faz “escolhas idiossincráticas e distintivas”²⁷, “no que concerne às preferências na seleção de determinados itens em vez de outros”²⁸, são “cosseleções típicas e individuais de palavras preferidas”²⁹. Eis aí o rastro das evidências linguísticas registradas no texto. É por meio de uma expressão identificada por David Kaczynski (irmão do *Unabomber*) no Manifesto, pelo uso de uma terminologia peculiar, parte do idioleto de Theodore Kaczynski, que ele é capturado. Outro artigo de jornal, escrito dez anos antes, encontrado em sua cabana, também serve de prova. Há o reconhecimento de similaridades linguísticas como compatibilidade de itens gramaticais, lexicais e frases fixas que apontam a autoria para a mesma pessoa³⁰.

Há uma sofisticação na argumentação do *Unabomber*. Theodore Kaczynski foge ao senso comum, utiliza, por exemplo, uma prova lógica como o silogismo. O orador

26 KACZYNSKI, 1995, p. 3.

27 COULTHARD, 2016, p. 24.

28 Id., 2016.

29 Ibid., p. 25.

30 COULTHARD, 2016.

demonstra saber como articular as palavras para dar vazão ao seu pensamento ao dispor de artimanhas linguísticas para um dizer racional e justificado. Há o emprego de muitos outros recursos retóricos. Mas fato é que a manifestação dos artifícios linguísticos ajuda a garantir ainda mais a genialidade do orador, ele alcança a perfeição nos crimes e no anonimato das pistas. Não há rastros materiais. A deixa se dá com a publicação do Manifesto.

As provas aristotélicas intrínsecas são três: o *ethos*, prova ética, o *pathos*, prova patética e o *logos*, prova lógica. Ocorre que, para esse estudo, destacamos as provas lógicas como meio de se alcançar as provas éticas. Inicialmente, trazemos as provas lógicas, que, segundo Tringali³¹, subdividem-se em dedutivas e indutivas. A dedução caminha do geral para o particular e a indução faz o percurso oposto, isto é, caminha do particular para o geral.

“As provas lógicas dedutivas se expressam diretamente por um silogismo, ao passo que as provas indutivas se expressam por meio de exemplos que no final podem ser convertidos num silogismo”³². As provas dedutivas são conhecidas como silogismos oratórios, uma vez que sua força argumentativa se encontra entre o lógico e o estético. Além disso, o silogismo é um importante meio de prova na retórica porque é um modo de raciocinar e argumentar em que há a articulação de três termos, comparam-se os termos maior e menor com o termo médio.

Quando duas premissas são iguais a uma terceira, significa que, conseqüentemente, são iguais entre si. Quando são desiguais a uma terceira, por conseguinte, são desiguais entre si³³. O silogismo é um período que compreende três orações dos tipos: (a) uma principal, (b) uma continuativa e (c) uma conclusiva. Um exemplo clássico de silogismo é:

- a. Se Sócrates é homem.

- b. E todo homem é mortal.

- c. Logo, Sócrates é mortal.

O silogismo próprio da retórica é o dialético ou provável, conforme Tringali, “é o raciocínio que parte de premissas prováveis, isto é, premissas admitidas pela maioria do comum dos homens ou pelo menos pela maioria dos entendidos e gera uma conclusão,

31 TRINGALI, 2014.

32 TRINGALI, 2014, p. 139.

33 TRINGALI, 2014.

não certa, mas dialética”³⁴. O intuito é colocar tanto as premissas quanto a conclusão como verossímeis, que concorda com a opinião ou crença mais comum. A partir do Manifesto, retiramos três excertos³⁵ que ilustram a presença do silogismo dialético no texto:

35. Todos têm objetivos; se não for para outra coisa, pelo menos para satisfazer as necessidades vitais: comida, água, roupas e abrigos de acordo com o clima. [...]

36. A não-realização de objetivos importantes resulta na morte se os objetivos forem necessidades vitais, e em frustração se a não-realização dos objetivos é compatível com a sobrevivência. A falha em realizar objetivos ao longo da vida resulta neste caso em derrotismo, fraca autoestima ou depressão.

37. Assim, para evitar problemas psicológicos graves, os seres humanos precisam ter objetivos cuja realização exija empenho, e certa taxa de sucesso nessa realização.

Esse exemplo obedece a uma forma de raciocínio dedutivo que revela o ato retórico fundado no *logos*:

- a. Todos têm objetivos de satisfazer pelo menos as necessidades vitais (premissa maior – principal).
- b. A não realização desses objetivos resulta em frustração, derrotismo, fraca autoestima ou depressão. (premissa menor – continuativa).
- c. Logo, para evitar problemas psicológicos, precisamos satisfazer objetivos (conclusiva – conclusão do raciocínio dedutivo).

Constatamos que há uma força persuasiva no Manifesto. O raciocínio dedutivo apresentado é válido, uma vez que a conclusão segue as premissas. Retoricamente, vale a eficácia do argumento, ainda que não seja verdadeiro. A prova ética está relacionada a “um conjunto de traços de caráter que o orador *mostra* ao auditório para dar uma boa impressão. Incluem-se nesses traços as atitudes, os costumes, a moralidade, elementos que aparecem na disposição do orador”³⁶. É no exercício do ato retórico que o *ethos* do

34 Ibid., p. 141.

35 KACZYNSKI, 1995, p. 12-13.

36 FERREIRA, 2010, p. 21.

orador se consolida. Assim, o orador precisa demonstrar virtudes como generosidade, moderação, sabedoria, entendimento e prudência ao apresentar-se. É preciso passar uma imagem que deriva de padrões morais.

Theodore Kaczynski expõe uma imagem reforçada por um *ethos* virtuoso, pois no ato retórico, exibe-se como um competente orador, causa identificação em parte da população que também não acredita na tecnologia como solução dos problemas contemporâneos. Além disso, é dinâmico nas considerações tecidas e, assim, torna-se um orador crível³⁷. Suas habilidades cognitivas e retóricas, presentes na argumentação manifestada, são praticamente incontestáveis, entretanto, as suas ações acabam distorcidas pela violência empregada.

A argumentação apresentada no Manifesto é eficaz, pois enseja adesão, ainda que por uma parte do auditório, além de bem construída e bem edificada, uma vez que possibilita o despertar de um olhar mais acurado para uma análise crítica das bases econômicas e tecnológicas da sociedade atual. O autor/orador utiliza da sinceridade para gerar credibilidade e apresenta justificativa verossímil para manter a adesão à tese defendida. Em nota final, no parágrafo 231, chama a atenção para um ponto, “não pretendemos que este artigo expresse mais do que uma rude abordagem da verdade”³⁸, ou seja, é lançado um holofote para a sociedade industrial, sua conceituação, reflexões e ações que ampliem a necessidade de manter o ser humano como protagonista da sua história na sociedade.

O Manifesto, tal como escrito e divulgado, também incentiva as pessoas a buscarem uma nova forma de viver em sociedade, mostra preocupação com a estabilidade e durabilidade das relações humanas, com as tecnologias e com a capacidade de inovação responsável consigo, com o coletivo e com o mundo. Insiste, ainda, para que os cidadãos tomem decisões refletidas e ponderadas, as ações em sociedade devem ser fruto de uma autonomia consciente. Não é necessário derrubar políticos, é necessário que cada sujeito assuma o seu lugar na sociedade. É preciso virtuosamente pensar, decidir e agir em conformidade com o bem comum.

Considerações finais

O *ethos* do gênio construído pelo texto virtuoso em generosidade, sabedoria e entendimento, em certa medida, é desconstruído pela violência no uso das bombas, ação viciosa por escassez de prudência e moderação. O *Unabomber*, com o Manifesto, produz racionalidade, inclusive com requintes de sofisticação linguística, por meio de silogismo,

37 CAMPBELL; HUXMAN; BURKHOLDER, 2015.

38 KACZYNSKI, 1995, p.73.

por exemplo, mas com a explosão das bombas, acaba por sabotar-se. Kaczynski dá um giro de 180° quando mostra um *logos* virtuoso, a partir da sua constituição como animal lógico, e alcança um outro ponto extremo em que não se adequa a um normal social, quando age de forma antissocial.

Se deslocarmos as ações do *Unabomber* para o campo do terrorismo, o *ethos* é de herói, de salvador, de messias, uma vez que nesse lugar discursivo, a violência real e física é admitida como virtude. Por meio do *logos* se revela o *ethos*, por estar aquele ligado a alma do homem. Há no *logos* uma relação entre o oratório e o racional que conduz ao *ethos*, ao caráter, à personalidade do orador.

Com o passar do tempo, o gênio se transforma em criminoso. As primeiras ideias de Theodore Kaczynski de cuidado com o meio ambiente ganham forma pelas palavras, como as que constituem o Manifesto. Outros textos apresentam o mesmo pensamento, mas materializam-se em ações destrutivas, os envios de bombas caseiras. Há diferença entre defender ideais, virtude, e provocar mortes e lesões, vício. Ocorre que, na virada da idealização para a ação, a violência simbólica, presente nos primeiros escritos do *Unabomber*, desde a época da universidade, converte-se, em um dado momento, em uma violência real, quando a persuasão sucumbe pela concretização de atos viciosos e ocorre a desconstrução do herói. Theodore Kaczynski, matemático, aluno de Harvard, doutor e professor na Universidade da Califórnia, Berkeley, torna-se um terrorista que se encontra na prisão.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Da revolução**. Tradução Fernando Dídimo Vieira. Revisão Caio Navarro de Toledo. Editora Ática e Editora UNB, 1988.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. 4ª ed. São Paulo: EDIPRO, 2014 [350 a.C.].

CAMPBELL, Karlyn Kohrs; HUXMAN, Susan Schultz; Thomas R. BURKHOLDER. **Atos de retórica: para pensar, falar e escrever criticamente**. Tradução de Marilene Santana dos Santos Garcia. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

COULTHARD, Malcolm. Algumas aplicações forenses da Linguística Descritiva. Tradução de Leonor Scliar Cabral. In: COLARES, Virgínia (Org.). **Linguagem & Direito: caminhos para linguística forense**. São Paulo: Cortez, 2016, p. 17-48.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Tradução de Eduardo Brandão. 3ª ed. 3ª tiragem. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

FRANCHI, Carlos. Linguagem – atividade constitutiva. *In*: FRANCHI, Carlos; FIORIN, José Luiz; ILARI, Rodolfo (Orgs.). **Linguagem: atividade constitutiva**: teoria e poesia. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 33-74.

KACZYNSKI, Theodore John. **A sociedade industrial e o seu futuro** (o Manifesto do *Unabomber*). Disponível em: <<https://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/10/A-Sociedade-Industrial-e-seu-futuro-Manifesto-de-Unabomber.pdf>> Acesso em maio 2021. Data da publicação original no *The Washington Post*: agosto de 1995.

TRINGALI, Dante. **A retórica antiga e as outras retóricas**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Musa Editora, 2014.

VICHI, Leonardo. **Manual Básico de Linguística Forense**: da análise do discurso ao perfilamento em investigações criminais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Alpheratz, 2021.

ZIZEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. Tradução de: Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.